

"Ação Educativa no Museu Tingüi- Cuera"

Mostra Local de: Araucária

Categoria do projeto: Projetos em Andamento (projetos em execução atualmente)

Nome da Instituição/Empresa: Museu Tingüi-Cuera (Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Araucária)

Cidade: Araucária

Contato: museutinguicuera@araucaria.pr.gov.br

Autor (es): Cristiane Perretto

Equipe:

- Cristiane Perretto (historiadora e professora de História) – Mestre em Educação (PPGE/UFPR)
- Robson Luan da Silva Juraski (estagiário nível universitário) – Graduando em História (UFPR)
- Isabel Cristina Alves Erzinger (estagiário nível universitário) – Graduada em História (UTP)

Parceria: - Escolas Municipais do Ensino Fundamental de Araucária.

Objetivo(s) de Desenvolvimento do Milênio trabalhado(s) pelo projeto: ODM 2 - Educação básica de qualidade para todos

RESUMO

Trata-se de uma ação educativa que envolve responsabilidades compartilhadas entre Museu e Escolas em Araucária/Pr. Articula-se no referencial da área de investigação da Educação Histórica e no âmbito do Ensino de História buscando desenvolver estratégias inovadoras na abordagem do patrimônio histórico-cultural. Isto envolveu as seguintes etapas: - investigação dos conhecimentos prévios dos alunos; - trabalho em sala de aula com os conteúdos históricos, anteriores à visita; - monitoramento da visita ao Museu; - produção de narrativas históricas após a atividade educativa realizada no Museu. A narrativa é o foco do trabalho, compreendendo-a na perspectiva em que o narrador é um homem que dá conselhos tecidos na substância de sua própria vida. A partir disto, as crianças produzem suas narrativas que visam demonstrar a ampliação de conhecimento histórico e a empatia que desenvolveram com relação ao Museu, pela memória coletiva e a preservação dos bens patrimoniais.

Palavras-chave: Museu; Educação Histórica; Ensino de História; narrativa histórica, patrimônio histórico.

INTRODUÇÃO

Entendendo “o museu como uma instituição permanente, sem objetivos lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberto ao público, e que produz investigação sobre os testemunhos materiais do homem e do seu ambiente que, uma vez adquiridos, são conservados, divulgados e expostos, para fins de estudo, de educação(...)”(SILVA,2001) é que o Museu Tingüi-Cuera mantém suas atividades desde 1980,mantido pelo poder público

Municipal. Localizado num prédio da década de 1940, que abrigava uma indústria de massa de tomate e farinha de milho, que pertenceu a família Torres, é um museu histórico e seu acervo reúne objetos do trabalho e do cotidiano dos antigos moradores do município. Possui sala de reserva técnica, 3 salas de exposição permanente, 3 salas de exposição temporária, Auditório Júlio Grabowski. Desde seu surgimento, o Museu Tingüi-Cuera estabelece uma relação de forte vínculo com a comunidade Araucariense interferindo no processo que prepara os indivíduos à inserção e à participação na cultura e contribuindo para a consolidação de uma identidade local, regional e global. Para tanto, o Museu Tingüi-Cuera desenvolve as seguintes ações: Curso para formação de monitores que possam atuar no museu para receber os visitantes e informá-los sobre suas exposições. Ação Educativa e visitas monitoradas que atendem a comunidade escolar e em geral, do município, das cidades vizinhas, de outros estados e outros países. Busca de materiais para acervo através de pesquisa na comunidade local. Publicação de livros, como resultado das pesquisas na comunidade local, que se tornam referência para o estudo da história local. Auxílio à pesquisa. Acondicionamento, limpeza e conservação de acervo próprio.

1. JUSTIFICATIVA

O projeto Ação Educativa envolvendo a parceria Museu-Escola constituiu-se de uma ação pedagógica desenvolvida no ambiente do Museu Tingüi-Cuera, que envolve alunos e professores da Rede de Ensino de Araucária/Pr, além da equipe do próprio museu. Assim, por meio de um projeto que envolve responsabilidades partilhadas entre o Estado (representado pela Secretaria de Educação e Secretaria de Cultura e Turismo), a Escola e o Museu busca-se o desenvolvimento de estratégias inovadoras na abordagem do patrimônio histórico-cultural, tendo por base os fundamentos da Educação Histórica. É importante destacar que o Museu Tingüi-Cuera em Araucária/PR recebe frequentemente a visita de alunos de escolas públicas municipais, estaduais e particulares, porém ainda encontra muitas dificuldades nesta relação. Geralmente as visitas ocorriam sem agendamento prévio. As escolas traziam grande número de alunos de uma vez devido a diversos fatores, entre eles à dificuldade de transporte. Os professores muitas vezes não conheciam o museu e não havia um trabalho prévio com os alunos sobre o objetivo da visita. Tudo isto, vinha dificultando o trabalho de monitoria e ação educativa, não contribuindo para que o museu realizasse suas possibilidades. Conforme NAKOU (2003), o museu permite às crianças demonstrarem pensamento histórico a um alto nível, principalmente se o trabalho for direcionado para tarefas que lhes permitirem desenvolver potencial na interpretação histórica – ou seja, é importante que os alunos compreendam que os objetos lhe dizem algo sobre o passado. Sendo assim, compreendendo o museu como promotor de conhecimento dos valores patrimoniais locais, há que considerá-lo como uma instituição que possui potencial para a consolidação da identidade de uma comunidade e para o desenvolvimento do pensamento histórico dos alunos de nossas escolas. O Museu Tingüi-Cuera atualmente possui um acervo de 532 peças doadas pelos moradores do município de Araucária, composto por objetos de trabalho e do cotidiano, tais como utensílios e máquinas agrícolas; instrumentos de oficinas de ferraria, sapataria, cortume, serraria e marcenaria; máquinas de indústrias de tecelagem, palhões, massa de tomate e beneficiamento de erva-mate; utensílios domésticos e objetos do cotidiano. O acervo em questão tem um potencial de trabalho com conteúdos de História das diversas séries do Ensino Fundamental. Inúmeras temáticas de história local, regional, nacional e até global podem ser abordadas.

2. OBJETIVO GERAL

Explorar o potencial do Museu Tingüi-Cuera em termos de acervo de objetos assumindo que o uso de objetos e outras fontes documentais no ensino de história possibilitam o desenvolvimento do pensamento histórico das crianças em relação a noções históricas, desenvolvendo empatia pelo Museu, pela memória coletiva e a preservação dos bens patrimoniais.

3. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Valorizar a instituição museal estabelecendo relação com o ensino de história nas escolas.
- Partilhar responsabilidades entre escola e museu para abordagem do patrimônio, resultando no desenvolvimento de materiais pedagógicos em torno dos conteúdos e especificidades próprias.
- Estimular novas atitudes e formas de expressão, despertando o sentido estético, o gosto, o afeto pela memória coletiva e a preservação dos bens patrimoniais.
- Estabelecer elo com os professores para estímulo a pesquisa, a observação e formas de constituição do saber histórico.
- Proporcionar o contato de crianças e jovens com novos conhecimentos e diferentes formas de sentir e pensar em relação ao mundo que os rodeia.

4. METODOLOGIA

O elo com a escola é estabelecido através encontros para planejamento específico com as professoras e equipe pedagógica. No momento do planejamento é definido o conteúdo a ser trabalhado em consonância com o conteúdo trabalhado em sala de aula. Para tanto, é proposto que as professoras assumam na escola um papel ativo no desenvolvimento do projeto. Isso envolve as seguintes etapas: preparação dos alunos por meio da investigação dos conhecimentos prévios dos alunos acerca do conteúdo ou tema que seria trabalhado; trabalho em sala de aula com os conteúdos históricos, anteriores à visita; monitoramento da visita ao museu; produção de narrativas históricas, pelos alunos, no retorno a sala de aula, após a atividade educativa realizada no museu. Desenvolvimento das atividades. A atividade no museu é ministrada pela equipe do museu com a participação do professor e equipe pedagógica da escola. No planejamento são definidas atividades a serem desenvolvidas de acordo com o levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos. Tendo por base as orientações dos conhecimentos prévios dos alunos, optamos junto ao grupo de jovens monitores do museu, em privilegiar a narrativa como foco de nosso trabalho com as crianças, compreendendo a narrativa na perspectiva de BENJAMIN (1983) onde o narrador é um homem que dá conselhos tecidos na substância de sua própria vida. Para BENJAMIM (1983), narrar uma história é um ato coletivo no qual se trocam experiências. O ato de narrar uma história requer tempo e ouvintes reunidos para tal. Para ele, a figura do narrador adquire materialidade quando traz consigo a experiência que anda de boca em boca, as quais recheiam todas as histórias contadas. A experiência que anda de boca em boca é a fonte onde beberam todos os narradores. E, entre os que escreveram histórias, os grandes são aqueles cuja escrita menos se distingue do discurso dos inúmeros narradores anônimos. Entre estes últimos, aliás, há dois grupos que certamente se cruzam de maneiras diversas. Só para quem faz idéia de ambos é que a figura do narrador adquire plena materialidade. Quando alguém faz uma viagem, então tem alguma coisa para contar, diz a voz do povo e imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas não é com menos prazer que se ouve aquele que, vivendo honestamente do seu trabalho, ficou em casa e conhece as histórias e tradições de sua terra. (BENJAMIN, 1983, p.58). Sendo assim, para a 1ª aula visita das crianças ao museu, velinhos na forma de bonecos de manipulação que contam histórias de antigamente para as crianças no ambiente da exposição. Por meio de pesquisa em documentos do Arquivo Histórico os alunos do curso de monitoria criam narrativas para apresentação dos personagens. O personagem "Sr. Boneto" e "Sr. Iacho" representam a memória dos agricultores e contam para as crianças "como era o trabalho na roça". Já "Dona Tereza" conta "como era o dia-a-dia das famílias antigamente". Ambos relacionam experiência de vida com os objetos em exposição e responderam várias perguntas das crianças sobre o passado. A perspectiva de narrativa assumida aqui também lembra a ideia de RÛSEN (2001), quando aponta que é a narrativa histórica constitutiva da consciência histórica. Para ele, na medida em que se recorre a lembranças para interpretar as experiências do tempo, a narrativa constitui a consciência histórica. E ainda a este respeito enfatiza que: Esse recurso à lembrança deve ser

pensado de forma que se trate sempre da experiência do tempo, cuja realidade atual deve ser controlada pela ação, mas que também admita ser interpretada mediante mobilização da lembrança de experiências de mudanças temporais passada do homem e de seu mundo. O passado é, então, como uma floresta para dentro da qual os homens, pela narrativa histórica, lançam seu clamor, a fim de compreenderem, mediante o que dela ecoa o que lhes é presente sob forma de experiência do tempo (mais precisamente: o que mexe com eles) e poderem esperar e projetar um futuro com sentido. (RÜSEN, 2001, p. 62) No retorno a escola as crianças têm a oportunidade de narrar sobre a experiência do encontro com as histórias no Museu. Outras visitas podem ser agendadas de acordo com o planejamento prévio realizado entre equipe do Museu e equipe pedagógica da Escola. O conteúdo é definido previamente de acordo com as necessidades do ensino de História naquela etapa, além do que, outros espaços, além do expositivo, podem ser pesquisados pelos alunos(as).

5. MONITORAMENTO DOS RESULTADOS

O Museu possui relatório de visitantes e todos os grupos escolares são especificados no mesmo. Os resultados, no entanto vão para além do quantitativo. Nossa opção é prioritariamente qualitativa, tanto que limitamos o atendimento individual por classe. Assim, se a Escola quer participar com, por exemplo, três turmas, ela deverá trazer uma turma cada vez, sabendo que os alunos passarão uma tarde ou uma manhã no Museu. No entanto, um dos principais resultados do projeto está na riqueza das produções narrativíssimas realizadas pelos alunos (as).

6. VOLUNTÁRIOS

Não trabalhamos com voluntariado.

7. CRONOGRAMA

Cada Escola é atendida com um cronograma diferenciado, de acordo com as necessidades e dentro das possibilidades do calendário escolar.

8. RESULTADOS ALCANÇADOS

Alguns resultados obtidos com turmas da Escola M. Nadir Nepomuceno Alves Pinto em 2009:

Em relação aos conhecimentos prévios observamos que em momento anterior a visita na escola, quando questionados sobre o Museu e seu significado, a maioria dos alunos demonstrou ter um conceito de museu, relacionando-o com a História, com o passado e com as evidências do passado. “O museu serve para expor as coisas de antigamente.” Bruno (3^aC) “Museu é um lugar que têm histórias e coisas antigas.” Cris (3^a C) “O museu funciona aberto para qualquer pessoa que quer ver antiguidades e saber sobre cultura e histórias antigas.” Erick (3^aB) “O museu é aberto para o público conhecer um pouco mais do passado.” Sebastião (3^oB). A maioria dos alunos também revelou que já conhecia o Museu Tingüi-Cuera. Isso fez pensar que as atividades desenvolvidas no ambiente museal deveriam ter um caráter diferenciado para que se pudesse interferir na formação de cidadãos apreciadores e futuros frequentadores de museus. Outros pontos que chamaram atenção no levantamento dos conhecimentos prévios foram o interesse pelo lugar da infância no museu e pela forma como o museu funciona.

9. ORÇAMENTO

Recursos públicos disponibilizados pela Prefeitura do Município de Araucária por meio do pagamento dos funcionários do Museu e também pela disponibilização de transporte para deslocamento dos alunos até o Museu.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Eu queria que no museu tivesse coisas que trouxesse mais atenção das crianças. Lucas (3ªB)

“Eu gostaria de saber como eles arranjam aquelas coisas antigas.” Emanuel (3ªC)

Após a visita, as crianças da Escola M. Nadir Nepomuceno Alves Pinto tiveram a oportunidade de narrar sobre a experiência do encontro com as histórias no Museu:

“Seu Boneto falou que quando era pequeno, ele ajudava a trabalhar na roça, dava comida aos porcos e arava a terra, plantava e colhia. Também falou que quando eles não vendiam nada, eles não ganhavam roupas e nem presentes, ele falou que não ia para a escola e tomava banho em bacias.”

“Seu Boneto falou que trabalhava na roça, também tomava banho na bacia. Ele tinha um objeto que colocava veneno para as formigas.”

“Seu Boneto falou que usava muito o trenó para levar as suas ferramentas para a roça e para ele puxar as mercadorias. Ele tinha dois cavalos muito bons.”

(Fragmentos de narrativas produzidas pelos alunos da 3ª A em sala de aula)

(...)“Os personagens seu Boneto e Dona Tereza mais as coisas antigas parece muito legal que as coisas de hoje e eu acho interessante que os idosos contavam história igual Dona Tereza”

(...) gostei da Dona Teresa porque ela mostrou as coisas que usava antigamente, a banheira, o berço, a cama, o rádio(...)

(Fragmentos de narrativas produzidas pelos alunos da 3ªC em sala de aula)

As crianças da 3ª B formularam hipóteses através de desenhos, do que poderiam encontrar em outros espaços do museu não visitados como a reserva técnica por exemplo. Vários objetos foram desenhados. Percebe-se que alguns deles, as crianças viram no ambiente de exposição e imaginaram repetir-se na reserva técnica tais como: rádio, armas, carroça, ratoeira, baú, lampião, etc. Outros, as crianças parecem ter visto em exposições temporárias e imaginaram estarem guardados na reserva tais como: múmia, vestido de casamento e geladeira. Algumas crianças lembraram também de coisas inusitadas como: caixão para enterro, metralhadora, perfumes e até bicicletas antigas.

Já na segunda aula visita dos alunos. O conteúdo “trabalho industrial” ficou definido juntamente com a escola. O planejamento continuou priorizando a narrativa e os alunos continuaram produzindo:

Optamos por narrar um fato ocorrido na década de 1940 relacionado ao período em que iniciaram as primeiras fábricas em Araucária.

DOCUMENTO - base para narrativa das personagens Sr. Boneto e Dona Tereza – 2ª aula visita

“Conforme depoimentos colhidos junto aos senhores Júlio Grabowski, Odorico Franco Ferreira, ex-prefeito, vereador Jorge Abud, as referências sobre a construção do prédio da

antiga Usina Termo-Elétrica, remontam a década de 1930, quando e como sempre, o povo desprendido voltava-se constantemente para o bem estar comum de todos.

Segundo o Sr. Odorico Franco Ferreira, então Prefeito do Município na época em seu depoimento, na Avenida Víctor do Amaral, em um prédio antigo, havia em pleno funcionamento uma usina geradora de energia e que pertencia ao Senhor Romário Fernandes.

Este depoimento é endossado pelo Sr. Júlio Grabowski, atual Juíz de Paz do Município.

Por volta de 1941, o prédio de propriedade do Sr. Romário Fernandes, foi vendido ao Senhor Pedro Druszcz que por sua vez vendeu-o ao Senhor Ângelo Rigollino.

Em 1942, o Sr. Ângelo Rigollino, mandou construir uma nova edificação, em local por ele escolhido e que foi situado às margens da antiga estrada para o município da Lapa, proximidades do Rio Iguaçu.

Isto feito, o Sr. Ângelo Rigollino, mandou importar da Alemanha uma nova máquina à vapor que quando chegada ao Brasil, seria transportada para o novo prédio, onde viria a funcionar a Nova Usina Termo-Elétrica.

A expectativa foi muito grande em torno da chegada do novo aparelho já que o assunto mais comentado era este.

A enorme máquina a vapor chegou da Alemanha, sendo desembarcada no Porto de Paranaguá e despachada para Araucária por via férrea.

Para o transporte da máquina geradora, o Sr. Ângelo Rigollino, mandou construir uma carroça especial, muito grande e que foi puxada por 15(quinze) cavalos controlados pelo Senhor Avelino Bonetto.

Ao desembarcar na antiga estação ferroviária de Araucária, hoje desativada, no bairro do mesmo nome e que atualmente apresenta franco desenvolvimento, a população local entusiasmada acompanhou de perto todo o percurso feito pela carroça, bravamente dirigida pelas estradas de terra, passando por trechos de lama e enfrentando a subida da Praça Dr. Vicente Machado, numa verdadeira maratona, haja vista o grande peso da Máquina Geradora.

Enriquece ainda o seu depoimento Odorico Franco Ferreira, ao mencionar um fato ilariante quando descreve que o Sr. Ângelo Rigollino, para abrigar a Máquina no interior do prédio, encontrou dificuldades, pois o construtor ao fazer as portas, fé-las em dimensões menores ao tamanho da máquina.

Em 1964, o Estado do Paraná, encampou as instalações, nomeando para gerente o Senhor Antonio Candido Nascimento, para logo em seguida, desativar a Usina, face à vinda de recursos trazidos pela Copel com a instalação da rede de energia elétrica.

O prédio que ativado proporcionou na época o privilégio da iluminação com o funcionamento da Usina, abriga hoje, dependências que servem para a garagem e oficinas da Prefeitura do Município.”

(Referência: Arquivo Histórico Archelau de Almeida Torres, DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E CULTURA. DIVISÃO DE CULTURA. Preservação do Acervo Histórico do Município/1981. Prédio da Antiga Usina Termo-Elétrica de Araucária.)

Fato considerado pitoresco pelos testemunhos da época abriu a possibilidade para uma narrativa dos personagens Sr. Boneto e Dona Tereza. No momento da narrativa as crianças tiveram acesso a imagens da época e puderam interferir levantando hipóteses para a seqüência da narrativa. Em todo momento da narrativa os personagens enfatizaram aspectos do passado vivido contribuindo para que as crianças imaginassem o contexto e as dificuldades da época. Nos desenhos realizados pelas crianças após a narrativa dos personagens, os destaques foram à presença da locomotiva, da máquina a vapor, do navio e principalmente da carroça puxada por 15 cavalos.

Após a realização das narrativas plásticas os alunos foram desafiados para a pesquisa. Eles tiveram que descobrir alguns aspectos da cidade de Araucária na época da construção da Usina (década de 40). Para tanto visitaram e investigaram o Arquivo Histórico e a Reserva técnica do Museu em busca de fontes (fotos e objetos).

No Arquivo Histórico tiveram orientação sobre a conservação e o arquivamento dos documentos escritos e iconográficos, fotos e vídeos. Interessaram-se pelos arquivos rolantes e

pelas fotos mais antigas. Após o resgate da reprodução de várias fotos do Arquivo, as crianças foram capazes de trazer o passado em forma de ideia em suas breves narrativas.

Das trinta e duas narrativas sobre a experiência de investigação no Arquivo Histórico apenas três crianças limitaram-se a reproduzir as legendas das fotos. Outras 20 narrativas mostraram-se centradas nos acontecimentos históricos da localidade, atendo-se a detalhes revelados nas fotos que identificam um modo de vida próprio do passado.

“Vendia penico, ferro o Comércio da família Durau. Na frente os meninos usavam suspensórios, as mulheres usavam vestido e os homens paletó e gravata.” (João Vitor)

“Eu vi muitas coisas antigas no rio. As pessoas iam tomar banho e também passava carroça e mulheres iam passear.” (Maiara)

“Eu descobri que em 1948 o hospital era uma casa antigamente era de madeira. No quintal era só grama e lama. Tinha poucas árvores. Ele era utilizado para operar as pessoas. Foi construído pela família Charvet.” (Bruna)

“Eu descobri em 1948 que as moças passeavam na Praça e vinham tirar foto na Praça Dr. Vicente Machado.” (Lucas)

“Eu descobri que a fábrica São Patrício era daqui de Araucária. Era uma fábrica de linho e de tecido. Ela era enorme e tinha um rio e umas plantações em volta e a fábrica era de material.” (Érika)

Já nove das trinta e duas narrativas foram centradas nos acontecimentos históricos estabelecendo a relação presente/passado e nesta relação observa-se que foi superada a ideia do moderno como melhor que o antigo.

“A fábrica de massa de tomate tinha um monte de máquinas. Essa fábrica era da família Archelau e ela começou a funcionar em 1943. Aqui era a fábrica de tomate.” (Ketlin)

“A fábrica São Patrício em 1947 era fábrica de linhas de tecido. Tinha as melhores máquinas. Essa fábrica ficava atrás do Posto de gasolina. Tinha os homens na foto. Eram funcionários. (Luiz Henrique)

Com relação ao principal rio que atravessa a cidade a ideia de progresso inclusive torna-se nociva em contraponto com um passado “saudosos”.

“Eu descobri que em 1948 as moças passeavam na ponte do Rio Iguaçu. Antes podia pescar, tomar banho no rio. Hoje já não dá mais porque o rio está poluído. (Heuller)

“Eu descobri que em 1940 existia a ponte do Rio Iguaçu. Passava carroça e também podia tomar banho no rio e hoje não pode tomar banho porque está poluído. (Gisele)

Por fim, ainda referente à relação que as crianças estabeleceram com as fontes históricas presentes no Arquivo Histórico é interessante observar o aproveitamento que um dos alunos fez de um depoimento (fonte oral) dado por uma visitante e colaboradora do Arquivo exatamente no momento em que a turma visitava o Arquivo. O fato contado se referia a uma das fotos reproduzidas para a pesquisa das crianças e assim foi narrado pelo aluno Luiz:

“Era uma vez um homem que se chamava Alfred Charvet. A sua mulher estava doente e estava com uma doença no rim. Seu marido prometeu que se ela melhorasse ia construir alguma coisa para ajudar o povo. Sua mulher melhorou e ele construiu um hospital e começou a atender o povo. Deu para as freiras e as freiras não tinham como atender. Um dia demoliram.”

Na verdade a presença da filha do Sr. Charvet que não estava prevista para o momento de pesquisa foi de extrema importância para que as crianças percebessem que as inúmeras fontes possuem inúmeras versões do passado.

Ao visitarem a Reserva Técnica do Museu as crianças realizaram uma experiência inédita para elas e para o próprio Museu. Nunca antes desvendada aos visitantes, a Reserva revelou um arquivo documental que resultou dos processos de seleção que os antigos moradores da cidade fizeram no decorrer de suas vidas. Lembrando o conceito de “documento em estado de arquivo familiar”, as crianças, imediatamente após o contato com o acervo da Reserva, lembraram de objetos similares guardados em suas próprias casas.

Segundo SCHMIDT e GARCIA (2007), os objetos têm uma natureza diferenciada de outras fontes documentais. Possuem os objetos uma onipresença cronológica e cultural e nesse sentido são característicos de espírito de uma época. Eles também possibilitam a construção de novos marcadores temporais. (p. 56-57)

Porém, como os objetos da Reserva não tinham legendas com data e descrição, observei que as crianças ficaram mais empolgadas na hora da visita do que na hora de narrar sobre sua descoberta. Muitos ficaram em dúvida quanto à sobrevivência do objeto durante um longo período de tempo e não conseguiam situá-los na década de 1940.

Seis narrativas apenas constataram a existência de objetos que as impressionou pelo peso, grandeza, ou detalhes como botões. Grande parte das crianças, num total de quinze optou por apontar que eram “objetos antigos, muito antigos, de antigamente, ou que lembravam uma época”. Em dezesseis narrativas esses objetos estão imobilizados pelo tempo e não são narradas suas respectivas funções no passado ou mesmo no presente.

“Eu gostei do telefone porque ele é legal. Ele é de ferro e a cor dele é azul. É pesado e é bem antigo.” (Mariana)

“Eu gostei do vestido que é o mais antigo. Ele é branco e comprido. Foi de uma noiva em 1932.” (Mariane)

“Eu gostei das armas que eram antigas.(...)” (Bruno)

“Eu mais gostei da máquina de escrever. A máquina era dessa época, era grande e pesada, era feita de ferro e os botões eram grandes.” (Jefferson)

“Eu vi uma máquina de escrever que era muito antiga.” (Erick).

“Eu vi uma televisão muito antiga mas o ferro era muito mais antigo do ano de 1940.” (Alessandro)

“Eu gostei do míssil que lembra a segunda guerra mundial.” (Carlos Daniel)

Outras dez narrativas falam de objetos que tinham uma função no passado e que revelam modos de vida de outras gerações. Alguns objetos também puderam ser comparados com objetos atuais do dia a dia das crianças.

“Eu vi uma máquina de costura bem interessante e tinha muitas coisas legais. Eu descobri que dava para fazer roupas como vestido (...).” (Beatriz)

“Sobre os antigos descobri que o telefone era assim. Ele tira o gancho só que ele não fala no gancho, é no tipo alto falante. Ele toca como um sino. Ele não toca como um alto falante. Bate os dois sinos no outro. É mais legal do que tem agora.” (Clariane)

“Eu gostei da cela que eles usavam para por em cima do cavalo para não se machucar e ficar em mais segurança. É de couro e era marrom. (Joicelaine)

“O que eu gostei é do ferro. Ele era usado por nossos pais. Era usado para passar nossa roupa de 1948. Eu não nasci nessa data.” (Felipe)”

REFERÊNCIAS

Não